



GESEL
Grupo de Estudos do Setor Elétrico
UFRJ

20
anos

O Setor Elétrico da Bolívia e as perspectivas da Integração com Brasil.

Nivalde de Castro¹

Rubens Rosental²

O Sector Elétrico da Bolívia passa por transformações estruturais importantes e estratégicas. A base deste processo está na decisão do Governo de transformar a ENDE em holding estatal para atuar como principal instrumento de ação da política energética, nos moldes dos grandes grupos como Eletrobras e EDF (Eletrifique de France).

Deste 2008-2009, seguindo esta determinação estratégica, a Corporación ENDE e seu corpo técnico vem desenvolvendo grande esforços na estruturação de um ambicioso plano de longo prazo para a ampliação da capacidade de produção de energia elétrica em 12.000 MW, com dois objetivos complementares. O primeiro é atender a crescente demanda do mercado interno de curto prazo através basicamente da construção de centrais térmicas. A segunda é transformar a Bolívia em grande exportador de energia elétrica para países vizinhos, em especial para o maior mercado elétrico que é o Brasil. Mais recentemente para dar suporte e consciência institucional a este estratégico programa de desenvolvimento foi criado o Ministério de Energías, decisão coerente com os objetivos da política energética.

Em relação ao Brasil, foco central deste artigo, destacam-se quatro questões. A primeira é a experiência positiva do gasoduto Bolívia-Brasil que tem permitido gerar uma fonte segura e constante de

¹ Professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenador do GESEL- Grupo de estudos do Setor Elétrico

² Professor e pesquisador do GESEL-UFRJ

moeda forte, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social recente da Bolívia. Para o Brasil o gás boliviano viabilizou uma importante diversificação da matriz energética, permitindo maior segurança no suprimento, que teve papel fundamental para o enfrentamento da crise hídrica de 2012-2015, o que permitiu evitar novo “apagão.” Hoje a Bolívia contribui com 30% do consumo de gás do Brasil.

A segunda, é uma complementaridade energética natural impar e especial entre os dois países: 94 % das águas de todos os rios da Bolívia deságuam na bacia do Rio Madeira, fronteira entre os dois países. Desta forma, a construção de centrais hidroelétricas na Bolívia como Cachoeira Esperança, El Bala e outras mais vão trazer benefícios para todas as novas centrais hidroelétricas prevista no programa da ENDE, com destaque para a construção da central binacional no entorno da cidade de Guajará Mirim.

A terceira questão refere-se ao fato de que a integração elétrica entre os dois países já foi, de fato, iniciada com a construção no rio madeira das centrais de Santo Antônio e Jirau. Estas duas centrais exigiram o enfrentamento e superação de desafios tecnológicos e ambientais que serão utilizados e aprimorados na construção de outras centrais como é o caso mais evidente para a central binacional que fica a montante de Jirau.

Uma quarta é a prioridade da política energética da Bolívia em alterar de forma radical a composição da sua matriz elétrica. Atualmente as centrais térmicas respondem por 72% da matriz elétrica, consumindo gás natural que poderia ser usado para outros fins no mercado interno e externo. Com o programa de investimentos da ENDE, pretende-se atingir reverter para uma participação de 74% das hidroelétricas em 2025. A Bolívia só aproveitou cerca de 1 % do potencial hidroelétrico, detendo o menor índice de aproveitamento da América do Sul.

Frente a todas estas questões técnicas e energéticas que fundamentam o processo de processo de integração um ponto chave que se coloca é examinar e avaliar os benefícios econômicos e sociais para a Bolívia.

O mais importante e de longo prazo é a possibilidade de ampliar a integração econômica com o Brasil, o maior mercado econômico da América Latina. Exportar energia elétrica, insumo de infraestrutura essencial para o Brasil através de contratos de 30 anos e com valores pré-definidos será uma vantagem competitiva para a Bolívia, bem maior e melhor do que a exportação de gás natural por não exigir investimentos contínuos em prospecção, já que a energia elétrica vinculada ao Programa de desenvolvimento da ENDE é um recurso renovável, limpo e competitivo, determinando um diferencial estrutural para a economia boliviana.

Com a construção das novas centrais hidroelétricas, a começar pela binacional, a economia da Bolívia poderá se beneficiar do grande volume de investimentos através da geração de emprego e a possibilidade de criação e ampliação de empresas desenvolvendo uma cadeia produtiva na economia nacional com impactos no crescimento econômico sustentável.

Por outro lado, a construção da Binacional poderá ser realizada dentro e subordinada a um programa de desenvolvimento regional sustentável, internalizando nas regiões afetadas investimentos em educação, saúde, agricultura e navegabilidade dos rios, com a construção de eclusas. Desta forma, boa parte da produção mineral e do agrobusiness poderá ser exportada, via a hidrovía que vai do Porto Velho até o Oceano Atlântico com mais de 4.000 quilômetros de extensão.

Nestes termos, e a título de conclusão, o processo de integração elétrica da Bolívia com o Brasil, firmado pelo planejamento do Ministério de Energías a ser executado pela ENDE tem condições de gerar impactos positivos e duradouros para o desenvolvimento econômico e social da Bolívia.